

## A renúncia de Fidel nas capas de revistas: *Veja, Carta Capital e ISTOÉ*

*Fidel on the covers of magazines:  
Veja, Carta Capital and ISTOÉ*

Naiara Martins Barrozo  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
[naiara.barrozo@gmail.com](mailto:naiara.barrozo@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-4503-6731>

### RESUMO

Este trabalho busca analisar a construção das teias narrativas pelas quais se construíram os discursos das capas das revistas *ISTOÉ*, *Carta Capital* e *Veja* de 27 de fevereiro de 2008, que cobriram a saída de Fidel do poder em Cuba naquele ano. Tivemos como norte algumas noções apresentadas por Bakhtin, como as de dialogia, vozes do discurso e polifonia, assim como os conceitos de discurso, enunciado, cenografia, *ethos* e modalização, trazidos por Maingueneau. No âmbito deste texto, daremos foco à delimitação do aparato teórico, contextualização histórica do fato veiculado, apresentação dos enunciadores, e, ao final, à análise dos enunciados propriamente dita.

**Palavras-chave:** Fidel Castro; *ISTOÉ*; *Carta Capital*; *Veja*.

### ABSTRACT

This work seeks to analyze the construction of the narrative webs through which the discourses on the covers of *ISTOÉ*, *Carta Capital* and *Veja* magazines of February 27, 2008, which covered Fidel's departure from power in Cuba that year, were built. We were guided by some notions presented by Bakhtin, such as dialogue, discourse voices and polyphony, as well as the concepts of discourse, enunciation, scenography, *ethos* and modalization, brought up by Maingueneau. In this text, we will focus on the delimitation of the theoretical apparatus, the historical contextualization of the fact conveyed, the presentation of the enunciators and, finally, the analysis of the enunciations themselves.

**Keyword:** Fidel Castro. *ISTOÉ*. *Carta Capital*. *Veja*.

## INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação<sup>1</sup> trouxeram uma profunda mudança no modo de construção da subjetividade, posto que esta passou a ser formada não pela relação face a face, como se dava na sociedade tradicional, mas pelo que era veiculado pela mídia (Thompson, 1995). A própria experimentação de acontecimentos naturais da vida, como a morte, tornou-se mediada. Se nos primórdios do mundo moderno ela estava enclausurada nos hospitais, neste cenário, a morte retornou às casas através das notícias de jornais. Mas não é só. A mídia também facilitou o acesso a materiais simbólicos antes intocáveis. Os horizontes espaciais se expandiram já que não era mais necessário estar presente no local em que os fatos ocorriam para acessá-los. Com isso, a forma de se relacionar com a história também mudou profundamente. Durante muitos anos, até passarem a disputar o espaço com as novas mídias, com as redes sociais, a TV, os jornais e as revistas impressas foram fontes centrais de material simbólico, tornando-se ferramentas para construção da percepção histórica do indivíduo ao trazerem acontecimentos do mundo real veiculados diariamente como informação.

Considerando o peso dos meios referidos para a percepção histórica dos indivíduos, buscamos desenvolver uma pesquisa que, através da análise dos discursos das matérias publicadas em 27 de fevereiro de 2008, pudesse explicitar as posturas das revistas *Veja*, *ISTOÉ* e *Carta Capital* frente à saída oficial de Fidel Castro do comando de Cuba. A escolha considerou também a importância histórica da personagem, e pressupôs que estes enunciados eram lugares de privilégio para dar a ver traços das imagens vendidas e elaboradas do capitalismo e do comunismo nos consumidores das revistas brasileiras na ocasião.

Ao final da pesquisa, foi elaborado um texto que contava com quatro partes: delimitação do aparato teórico, contextualização histórica do fato veiculado, apresentação dos enunciadorees, e análise dos enunciados. No âmbito deste texto, optamos por dar foco à

---

<sup>1</sup> Este texto é parte de um trabalho originalmente escrito em 2009, editado para publicação no periódico.

abordagem integral das três primeiras partes do texto inicial e por expor parcialmente o último momento, apresentando a análise das capas das revistas. No caso dos veículos em questão, era inevitável a quem passasse em frente às bancas de jornal perceber a semelhança entre as imagens utilizadas pela *Carta Capital* e a *Veja*. Mas, observando a capa de cada um, já podemos notar diferenças de abordagens e pontuar como duas fotos quase idênticas, dialogando com frases distintas, sintetizam para o leitor a posição de cada revista.

## **DELIMITAÇÃO DO APARATO TEÓRICO**

Inaugurando os estudos sobre análise do discurso, Bakhtin coloca em pauta questões como a importância dos textos na formação dos imaginários individual e social. Stam (1993) lê o autor buscando, em seu aparato teórico, bases para pensar a comunicação de massa. Ele nos diz que, ao refletir sobre ela, Bakhtin trata do discurso como elemento que tudo permeia, fazendo a vida cultural uma. O sentido da linguagem, como o autor entende, reside no social, especificamente no enunciado. Para ele, a ideologia e a consciência perpassam a linguagem e estão no campo coletivo. A linguagem, ela própria, surge durante a assimilação e a escolha de ideologias em embate no discurso, feitas a partir do diálogo entre as diversas vozes sociais presentes (polifonia) nos enunciados, nos diversos discursos e linguagens de cada grupo social. Toda individualidade, portanto, seria fruto do campo social.

A polifonia é uma ideia central para a análise do discurso. Ela pressupõe sempre a existência de disputas sociais, caso contrário o que teríamos é uma pseudopolifonia. As vozes do discurso relacionam-se, neste contexto, dialogicamente, havendo no encontro delas a formação de algo distinto. Esta noção de dialogia, por sua vez, introduz consigo a ideia de que nenhum texto é original e inédito de fato, pois agrega necessariamente uma série de outros textos anteriormente ditos dos quais o falante se apropriou. A ideia é extensível a toda produção social – até mesmo as falas das peças de Shakespeare são discursos do outro.

Essas noções bakhtinianas estão no norte deste estudo. Buscaremos, com elas, implicações textuais que podem ser alcançadas a partir da observação de aspectos que organizam as trocas linguísticas como entonação, organização sintática, além da própria

cenografia discursiva. Mas além de Bakhtin, vamos recorrer também a Dominique Maingueneau e a conceitos de *Análise de Textos de Comunicação*.

O linguista define o discurso a partir do estabelecimento de oito premissas, a saber: 1) “O discurso é uma organização situada para além da frase”; 2) “O discurso é orientado”; 3) “O discurso é uma forma de ação”; 4) “O discurso é interativo”; 5) “O discurso é contextualizado”; 6) “O discurso é assumido por um sujeito”; 7) “O discurso é regido por normas”; 8) “O discurso é considerado no bojo de um interdiscurso”. Estas premissas nos permitem entender o discurso como uma organização linguística regida por normas, que implica uma forma de ação interativa. Ele pertence a um quadro contextual intrinsecamente ligado ao seu significado, e é sempre emitido por um sujeito que se posiciona implícita ou explicitamente no enunciado. Este, por sua vez, tem o valor de unidade elementar da comunicação verbal inscrita em um contexto particular. Entretanto, enunciado também poder ser sinônimo de texto quando a intenção é compreender seu sentido pleno (Maingueneau, 2008, p. 56). Um texto pode ter mais locutores, no caso de uma conversa, e ser constituído por signos linguísticos (verbais, por exemplo) e icônicos (imagens em geral). Este é o sentido que será considerado aqui, pois é inevitável que também sejam observados os elementos icônicos integrantes das reportagens. Todo texto “é o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada” (Maingueneau, 2008, p. 85).

Para transmitir uma informação, portanto, é preciso que se desenhe uma cena que será a superfície com a qual o leitor entrará em contato, um quadro cenográfico propício para que aquela mensagem seja passada de forma eficiente. As informações transmitidas por um jornal podem ter como cena de enunciação a de um artigo, de uma entrevista, ou mesmo a de um ensaio.

Esta questão do cenário está diretamente relacionada à de gêneros do discurso. Para Bakhtin (1992), a ideia de gênero ultrapassa a de gêneros literários. Ela se relaciona aos enunciados de estrutura relativamente estável, estrutura esta dominada pelos falantes em um maior ou menor grau. Eles são utilizados em determinadas situações comuns dentro de uma sociedade, e, por isso, variam de acordo com as características e necessidades de usos linguísticos de cada grupo social. Os gêneros podem ser do tipo primário ou secundário. Aquele abrange manifestações caracterizadas pela espontaneidade na elaboração dos

enunciados, nos quais as partes envolvidas na comunicação estão próximas, como em uma reunião de família ou uma conversa informal. Já o gênero secundário se diferencia por apresentar um grau maior de complexidade em sua elaboração. A expressão designa os enunciados cuja produção se afasta da espontaneidade, no sentido de instrumentalizarem textos do gênero primário para uma função específica, como acontece, por exemplo, com uma propaganda publicitária que utiliza uma conversa entre pai e filho como cenário de sua mensagem. A determinação mais específica do gênero, posterior à identificação do enunciado em um dos dois grupos anteriores, leva em consideração o conteúdo temático, ou seja, a mensagem, o modo pelo qual se pretende transmiti-lo e o estilo, que considera a administração que o sujeito faz de elementos como vocabulário e sintaxe. Pensar em gênero pressupõe a existência do contexto, que aparece outra vez como elemento importante. É necessário, assim, ao observar o enunciado, atentar à sua localização no tempo e espaço, aos sujeitos falantes, às suas vontades enunciativas e à esfera de atividade humana à qual o texto pertence, especialmente se o enunciado for do gênero secundário.

No caso do jornalismo, busca-se uma cenografia que evite o comprometimento do sujeito emissor. Pelo discurso, o enunciador é capaz de contornar sua própria imagem de acordo com o efeito buscado. Este é o fenômeno do *ethos*, que está nos textos falado e escrito: “por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador” (Maingueneau, 2008, p. 98).

O universo de sentidos propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* com pelas “ideias” que transmite; na realidade essas ideias se apresentam por uma *maneira de dizer* que remete a uma *maneira de ser*, à participação imaginária em uma experiência vivida [...] A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir com seu enunciado (Maingueneau, 2008, p. 99).

Ele diz respeito à máscara vestida pelo sujeito falante para causar boa impressão. Mostra a personalidade do enunciador, sendo um instrumento para que a fala do emissor tenha, no receptor, um terreno mais favorável à recepção da mensagem.

Quanto à recepção, o enunciado jornalístico conta com a predisposição do leitor em aceitar o que lhe é transmitido, devido à ideia partilhada de que a função dos jornais e revistas é informar o que *de fato* acontece. No jornalismo, o *ethos* habitual deveria, pela ideia de imparcialidade, manter certa distância do leitor, ser objetivo, evitar juízos que marcam o posicionamento do emissor. Entretanto, esta marca é quase inevitável devido à modalização.

Todo enunciado possui formas de modalidade; tais marcas podem se restringir ao modo verbal (o indicativo, o subjuntivo especialmente), o qual indica a atitude do enunciador face ao que diz, ou a relação que o enunciador estabelece com o co-enunciador por meio de seu ato de enunciação. O fato de todo enunciado ter um valor modal, de ser modalizado pelo enunciador, mostra que a palavra só pode representar o mundo se o enunciador, direta ou indiretamente, marcar sua presença por meio do que diz (Maingueneau, 2008, p. 107).

Contra a impossibilidade, contudo, alguns recursos são utilizados, como os modalizadores em discurso segundo, o discurso direto, o discurso indireto livre. Diz Maingueneau: “Existe, todavia, um modo mais simples e mais discreto para um enunciador indicar que não é o responsável por um enunciado: basta-lhe indicar que está se apoiando em um outro discurso: fala-se então de modalização em discurso segundo (2008, p.139). Este recurso tem como instrumento fundamental modalizadores

graças aos quais o enunciador pode, ao longo do seu discurso, *comentar a própria fala*. Os modalizadores têm outras funções, além de remeter ao discurso de outra pessoa: *talvez, manifestamente, provavelmente, felizmente, parece, de alguma forma...* são também modalizadores (Maingueneau, 2008, p. 139).

A modalização em discurso segundo diz respeito ao grau de comprometimento do emissor com a informação transmitida. A observação destes elementos é interessante pois, na própria tentativa de afastamento, os enunciadores acabam constituindo rastros de uma postura quanto ao enunciado ou ao co-enunciador, auxiliando a observação do grau da imparcialidade jornalística. Além dos modalizadores, outro elemento utilizado para tentar instaurar a imparcialidade é o discurso direto: “Diferentemente da modalização em discurso segundo, o discurso direto (DD) não se contenta em eximir o enunciador de qualquer responsabilidade, mas ainda simula restituir as falas citadas” (Maingueneau, 2008, p. 140).

O discurso direto é o instrumento mais eficiente para eximir o sujeito falante de responsabilidade quanto ao que é declarado. Contudo, por exemplo, ao fazermos uma

entrevista e selecionarmos um fragmento desta, o estamos recontextualizando. Assim, acabamos dando outro significado. Apenas a publicação integral de uma entrevista permite evitar esta cilada. Mesmo assim, este tipo de discurso ainda é mais neutralizador que os discursos indireto e indireto livre. Ao relatar o que outra voz enunciou, o jornalista utilizará outros vocábulos que não os ditos de fato pelo entrevistado. Mesmo que sejam utilizados sinônimos, como explica Nilce Sant'anna Martins em *Introdução à estilística*:

Há entre as palavras diferenças outras que as de significado: diferenças de tom, valor, expressividade, afetividade, idade, origem, possibilidade de emprego, de construção etc. De duas palavras ditas sinônimas, uma tem qualidades que a outra não tem, de sorte que as condições de emprego não são as mesmas para uma e para outra (Martins, 2003, p. 105).

Além disso, a ausência do eu enunciativo e de determinação direta do emissor (busca-se não utilizar pronomes relativos a “você”) são algumas práticas do jornalista para se aproximar da neutralidade. Evita-se também o uso de adjetivações, que inevitavelmente comprometem o discurso do sujeito. Ao definir as palavras que exprimem julgamento pessoal, Martins afirma:

Predominam neste caso os adjetivos que atribuem qualidades positivas/negativas, valorizadas/depreciativas, que podem ser distribuídas semanticamente no campo de bom/mau, e igualmente os substantivos abstratos, verbos e advérbios a eles correspondentes. *Feio/bonito, covarde/corajoso, generoso/avaro, delicado/grosseiro, inteligente/estúpido, gracioso/desenxabido* etc. são exemplos de adjetivos em que o elemento afetivo é inerente ao significado básico (2008, p. 80).

É interessante também observar como os planos de enunciação se apresentam na fala jornalística. Para Maingueneau, há dois tipos de planos de enunciado: o embreado e o não embreado. Este é muito encontrado em narrativas literárias, em que os elementos do texto muitas vezes mantêm relação com referentes internos ao próprio enunciado. Ele não está ancorado no mundo externo à narrativa, é usado para construir um universo autônomo, apresenta ausência de dêiticos temporais, e geralmente não tem marca de interlocutores (eu-você). O apagamento deste par é essencial como instrumento de impessoalidade narrativa. Mas a importância deste plano discursivo para uma reportagem, por exemplo, também está no fato de ela, ao permitir a composição de uma unidade significativa no fragmento narrativo, possibilitar que o leitor não familiarizado com determinada notícia entenda minimamente o fato descrito. Mas esta unidade não é absoluta em matérias jornalísticas, pois também

participam do fragmento, por exemplo, dêiticos temporais (ontem, hoje, dentro de um ano), constitutivos do plano embreado. Este se difere do primeiro fundamentalmente por fazer referência a elementos que não compõem o texto, dependendo de conhecimentos do leitor sobre o mundo extralingüístico para ser plenamente entendido.

Vamos agora ao contexto do objeto sobre o qual os enunciadores se pronunciam.

## **O CONTEXTO HISTÓRICO GERAL DO OBJETO**

Em fevereiro de 2008, Fidel Castro declarou sua retirada oficial do poder após 49 anos como chefe de Estado de Cuba. Independentemente de nossa posição política, é indiscutível a importância de suas ações para a história. Ao sair de cena, ele levou parte do resquício da ideologia comunista ainda presente no mundo. Ao mesmo tempo, levantou a poeira do tumulto abafado desde o fim da URSS, quando uma das duas maiores estruturas de organização econômica da Terra se viu em colapso. Entre a poeira, vieram à tona, envoltos em signos, ideias compartilhadas no interior do corpo social. Estas se tornaram visíveis nas matérias cujas capas vamos analisar, por meio das vozes que as chamaram em cada predicação ou ausência de sintagma.

Mas as ideias não surgem do nada. Elas pressupõem ao menos uma existência à qual se referem: as de Fidel e do processo de que ele emergiu. Não seria possível propor uma análise de discursos sobre sua saída sem traçar um panorama do contexto dos enunciados. É essencial discorrer sobre aspectos que circundam a Revolução Cubana.

### **O contexto de surgimento do mito Fidel: um pouco da história de Cuba**

O processo em que Fidel aparece remete à luta pela independência da ilha no final do século XIX (Anconi, 1998). Ao lado de Porto-Rico, ela permanece como colônia até 1898, momento em que Espanha e EUA entraram em conflito. Três anos antes, Cuba iniciara a segunda guerra com a metrópole em busca de autonomia. Tendo então os espanhóis como inimigos, os norte-americanos aliaram-se aos cubanos.

Ao lado do sentimento independentista, havia um movimento de defesa da anexação da ilha aos EUA. Dele, faziam parte pessoas integradas aos setores ligados ao capital estrangeiro. Durante este período, a imagem dos EUA contrapunha-se à das antigas colônias, como exemplo de uma ex-colônia forte. Contudo, havia quem não visse a aproximação com bons olhos, como José Martí. Sua figura representa a base original da Revolução Cubana, sendo símbolo central para os revolucionários. Exilado desde 1871, quando participou da primeira guerra cubana pela independência, ele acompanhou as ações implementadas sobre Cuba, que sempre ignoravam as demandas da ilha. O jornalista percebeu na ideologia expansionista estadunidense uma ameaça à conquista da independência real. Antes disso, ele já defendia que o continente americano não podia ser visto como um bloco homogêneo, mas sim como um misto de costumes, devido às origens diversas que o constituíam. A independência, portanto, deveria passar pelo reconhecimento da especificidade de cada região, sendo acompanhada pela noção de soberania. Com base nesses preceitos, ao voltar à ilha, em 1982, Martí criou o Partido Revolucionário Cubano, que abrigava duas correntes: uma delas, da qual participava, identificava-se com o anti-imperialismo; a outra defendia os interesses da oligarquia favorável aos Estados Unidos.

No ano da independência cubana, o líder já havia morrido e a segunda corrente havia obtido êxito. Quando o Tratado de Paris foi assinado, sem que representantes do povo cubano fossem consultados, acordou-se que a intervenção norte-americana seria mantida para manutenção da independência da ilha (Anconi,1998). Em 1901, foi aprovada a Emenda Platt, que estabelecia condições para a saída dos militares norte-americanos de Cuba. Dentre seus pontos principais, um deles dizia que qualquer atitude realizada pelos EUA durante o período de ocupação seria ratificada e considerada válida. A ilha, assim, se tornava praticamente um protetorado. Em poucos anos, os EUA ocuparam o território de Guantánamo, pelo qual pagam ainda hoje um aluguel de valor irrisório, e se impuseram como únicos parceiros comerciais da ilha. A interferência continuou mesmo após a revogação da Emenda, em 1934.

Neste ano, presidia Cuba Fulgêncio Batista. O general governou entre os períodos de 1933-1940, de 1940-1944, e de 1952 até a revolução. Seu último governo iniciou-se com um golpe militar e deu-se em regime ditatorial, contando com o reconhecimento diplomático norte-americano. A opressão política combinada à corrupção e ao descontentamento da

própria burguesia cubana, levou a sociedade a apoiar os movimentos contra a ditadura. O primeiro deles foi organizado por estudantes da *Universidad de La Habana*. Foi lá também que surgiram grupos de luta armada. Estas organizações deram origem ao *Movimiento Revolucionário de 26 de Julio*, que tinha entre os militantes os irmãos Raúl e Fidel Castro.

Após uma tentativa fracassada do grupo, de ataque a quartéis em julho de 1953, Batista ordenou a execução do líder e de cerca de oitenta militantes. Fidel, por sua vez, foi julgado junto a outros presos. Sua defesa foi feita com o texto intitulado “A história me absolverá”, no qual explicitou os objetivos do movimento: nacionalização das empresas de telefonia, das de eletricidade, reforma das estruturas agrária e habitacional (Júnior, 1998) etc. Contudo, ao final do processo, ele acabou por ser condenado à prisão, e, em 1955, exilou-se no México, para onde foi com Raúl trabalhar em vista de organizarem um ataque. Foi lá que eles conheceram o médico Ernesto Che Guevara, que se aliou à causa cubana.

É apenas em 1959 que Fidel consegue sucesso, quando o sul e o norte no lado ocidental da ilha são tomados e o poder de Batista fragiliza-se. Este se vê, então, obrigado a sair de cena. Com isso, em 2 de janeiro, Fidel Castro convoca uma greve-geral, paralisando todo o país, e chega em Havana no dia seguinte.

Uma informação importante de ser destacada é a de que, neste processo, o alinhamento dos revolucionários à URSS é posterior à própria revolução. Quando foi colocado em prática o projeto defendido por Fidel desde sua prisão, com a nacionalização das empresas, por exemplo, e a instituição da lei que proibia qualquer indivíduo de ter mais de um imóvel, os EUA foram os maiores prejudicados. Como exploradores do petróleo cubano e os maiores importadores de açúcar, em 1959, o país passou a pressionar a ilha, deixando de comercializar tais produtos. Fidel chega a recorrer ao presidente norte-americano na tentativa de uma aproximação, mas ela é negada. O embargo econômico em relação ao comércio com países aliados aos EUA, a princípio parcial, torna-se absoluto em 1962. Neste contexto de fragilidade econômica, a ilha foi obrigada a alinhar-se ao bloco socialista, passando a importar petróleo da URSS.

Para Horowitz (1971), os EUA teriam subestimado a revolução. Após seu desdobramento político, diz, o governo norte-americano desenvolveu a Aliança para o Progresso como uma forma de brechar o espírito revolucionário na região. Segundo afirma,

ela é, na realidade, um elemento que integra a disputa pelo conceito de revolução. Através dela, propõe-se uma revolução não violenta para os países do sul, baseada em um projeto pensado pelos EUA, que se contrapõe à revolução cubana, pintada como imperialista e sangrenta. O fato destes deverem ser os responsáveis pelo planejamento justifica-se com a invocação dos pressupostos da revolução americana, atrelada à liberdade e ao progresso. Mas a assinatura da Aliança, defende, é um modo de distanciar os países da influência soviética. Nesse sentido, O'Donnell (1980, p.25) aponta o estabelecimento de ditaduras na América Latina, de regimes de Estados de Segurança Nacional, como decorrentes da revolução cubana.

Fato é que, à época da saída de Fidel, o mundo via sombras de um ideal que havia se perdido, para algumas pessoas, meio ao tom ditatorial do regime instaurado na ilha. No âmbito econômico, após o fim da URSS, a instabilidade tornou-se visível. Os cubanos enfrentaram uma série de dificuldades, por exemplo, para importação de combustíveis.

A mudança de governo, apesar de ser colocada pela mídia brasileira como uma etapa do castrismo, levou a transformações na estrutura interna do país e na sua relação com o resto do mundo. Em 12 de junho de 2008, por exemplo, noticiava-se no Brasil o fim da igualdade salarial na ilha, que vigorava desde 1959.

Neste contexto exposto, Fidel transformou-se em uma figura mítica. Seu nome remete-se a um conjunto de sonhos perdidos de uma geração, a uma época na qual a combinação entre liberdade e igualdade parecia tão verossímil que muitos tentavam alcançá-la. Como todo líder, ele foi o ponto para onde convergiram diversas subjetividades ao longo do tempo.

## **OS ENUNCIADORES**

“Toda fala procede de um enunciador encarnado; mesmo quando escrito, um texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito situado para além texto” (Maingueneau, 2008, p. 95). Vamos aos enunciadores.

Os caminhos das revistas em foco partem do mesmo lugar. Mino Carta participa da fundação de todas elas. A *Veja* e a *ISTOÉ* surgiram em momentos distintos da ditadura militar

e são as primeiras revistas semanais do país. Já a *Carta Capital* foi fundada em 1994 e, em 2008, já era publicada toda semana.

A história da revista *Veja* começa nove anos antes de sua fundação. Ela inaugura um novo perfil de revista no Brasil. A ideia de criá-la surgiu em 1959, quando Roberto Civita, após estudar nos EUA, pensou em fazer um veículo brasileiro aos moldes da *Look* norte-americana. Ele demorou para realizar seu propósito. Além da falta de preparo estrutural da própria editora, a conjuntura política da década de 1960 não era favorável. A primeira edição chegou somente em 11 de setembro de 1968.

A capa do número um de *Veja e leia*, mostra, em fundo vermelho, o desenho em negro de uma foice e de um martelo. Destacada em branco, a frase “*O grande duelo no mundo comunista*” chamava o leitor para uma reportagem internacional intitulada “A rebelião na Galáxia Vermelha”, cujo subtítulo era “A todo custo, a Rússia pretende ser, ainda e sempre, o sol”.<sup>2</sup>

A revista não teve muito sucesso. Isto deveu-se, em parte, à áspera relação desenvolvida entre os veículos de comunicação e o governo durante a ditadura. Havia problemas em relação à expectativa criada nos leitores com a campanha feita em seu lançamento. A revista foi esperada como concorrente da *Manchete*, o que não era o objetivo. A linha editorial também ainda não havia sido definida. O fato era que, além do choque criado pelo horizonte de expectativa produzido, a linguagem das reportagens era prolixa e a diagramação confusa. Aos poucos, a revista foi se adaptando e em 1974 passou a dar lucro.

No âmbito político, as dificuldades não tardaram a aparecer. Apenas três meses após a fundação da *Veja e leia*, o presidente Costa e Silva instituiu o AI- 5, instaurando a censura prévia aos meios de comunicação. Esta se fez notar desde o primeiro dia, quando um coronel foi até Civita para censurar a revista. Contudo, os choques com os militares renderam também trabalhos históricos, como o premiado dossiê *Torturas*, que denunciou os procedimentos utilizados por militares para manterem a ordem do regime. Foi exatamente seguindo o viés de reportagens como esta, que Mino Carta e Raimundo Pereira encontraram uma fórmula

---

<sup>2</sup> Site: <http://veja.abril.com.br/numero1/index.html>. Acessado pela última vez em 23 de abril de 2008. No âmbito deste trabalho, vale ressaltar que os itálicos utilizados na formatação dos períodos e vocábulos de textos analisados são grifos meus para fins de ênfase.

cujo eixo era a informação de cunho político. Perceberam ser necessário escrever notícias que não estariam nos jornais, e abordar de modo mais completo as que neles fossem publicadas. Mas Carta saíria em 1975, após uma negociação entre a direção de *Veja* e os órgãos de censura. Para Alzira Alves de Abreu (2001, p. 1152), a saída do jornalista marcou o fim da censura à revista. No ano da saída de Fidel, 2008, *Veja* tinha como diretor de redação, Eurípedes Alcântara, e como redator-chefe, Mario Sabino. Além disso, haviam sido criadas versões regionais da revista, como a *Veja Rio*, contemplando as diferenças de interesses e gostos dos leitores.

Em 1976, Carta funda, com Domingo Alzergaray e outros colegas, aquela que seria a segunda revista semanal do país, a *ISTOÉ* (Abreu, 2001, p. 1152). Ela seguia um modelo europeu, com respeito à fórmula encontrada durante o processo inicial de construção da *Veja*: atenção especial à política com o uso de uma linguagem simples informando sempre o máximo. Com o tempo, ao lado da política colocou-se também a economia e a cultura. Em 1980, a revista foi vendida para Fernando Moreira Salles. Apesar disso, a direção permaneceu a mesma por um ano. Segundo Carta, a decisão de deixar o veículo deveu-se à dificuldade de se relacionar com os donos da revista e às divergências ideológicas (Abreu, 2001, p.1152). Mais tarde, a revista voltou às mãos de Alzergaray.

Entre 1999 e 2009, a *ISTOÉ* havia recebido oito prêmios Esso<sup>3</sup> em diferentes categorias. Ela vinha sustentando uma imagem de pioneirismo, tendo sido a primeira revista semanal brasileira a ser veiculada na internet<sup>4</sup>. Depois, a revista ganhou ramificações, como a *ISTOÉ Gente* (1999), com foco em entretenimento. Em 2008, seu diretor editorial era Carlos José Marques e o diretor editorial adjunto Luciano Suassuna.

Em 1994, nasce *Carta Capital*. Ela não era popular em 2008, mesmo tendo recebido vários prêmios, como o de Mídia do Ano de 2003 (Aberje), que indicava sua importância no cenário do jornalismo. Suas matérias eram direcionadas às áreas de negócio, economia, política e comportamento. Ela era publicada pela Carta Editorial, cujo proprietário era Mino Carta. Em 2008, seu slogan era “Não precisa concordar, precisa ler”. Assim como os outros veículos, a *Carta Capital* foi ramificada com a criação de *Carta na Escola*. Voltada para

---

<sup>3</sup> [www.premioesso.com.br](http://www.premioesso.com.br) (Acessado pela última vez em 27 de abril de 2008).

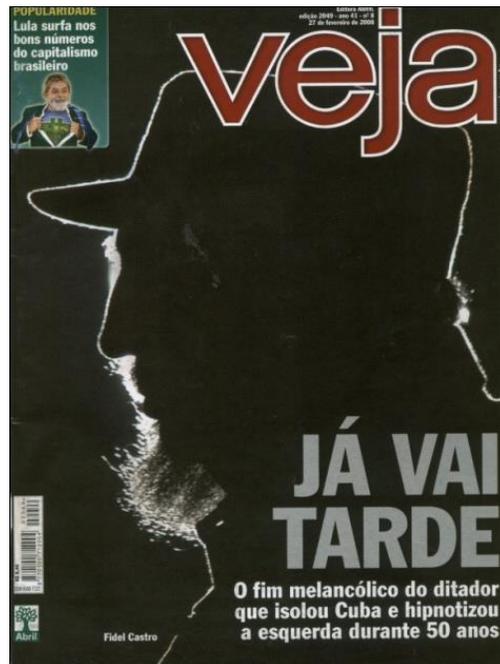
<sup>4</sup> [www.istoé.com.br](http://www.istoé.com.br) (Acessado pela última vez em 15 de junho de 2008).

educadores, a revista mensal contemplava assuntos relacionados à educação. Em 2008, Mino Carta respondia como diretor de redação, e Maurício Dias como diretor-adjunto.

## OS ENUNCIADOS

Vamos agora aos enunciados. Na época da publicação dos veículos referidos, era inevitável a quem passasse em frente às bancas de jornal perceber a semelhança entre as imagens utilizadas pela *Carta Capital* e a *Veja* – foi inclusive esta proximidade aparente que gerou o interesse pessoal por este trabalho em um primeiro momento. Contudo, observando um pouco mais de perto a capa de cada um, já podemos notar diferenças de abordagens e pontuar como duas fotos quase idênticas, dialogando com frases distintas e diferentes diagramações, sintetizam para o leitor a posição de cada revista. A elas, junta-se em nossa análise a ISTOÉ.

**Figura 1** – Capa da *Veja*



Fonte: *Veja* (2008).

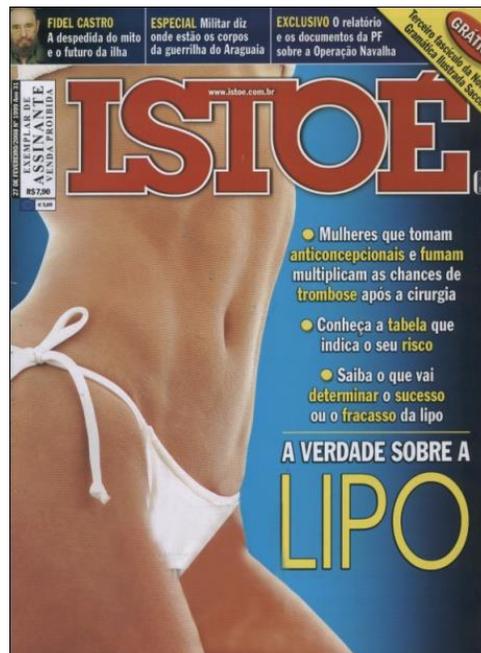
A renúncia de Fidel nas capas de revistas:  
Veja, Carta Capital e ISTOÉ

Figura 2 – Capa da *Carta Capital*



Fonte: Carta Capital (2008).

Figura 3 – Capa da ISTOÉ



Fonte: ISTOÉ (2008).

## Veja

Começamos pelo que chama mais atenção: tanto a capa da *Veja* como a da *Carta Capital* mostram uma foto de Fidel Castro em contraluz. A diferença entre elas tomadas isoladamente é mínima e não tem relevância para nosso objetivo.

*Veja* mostra a imagem maior, acompanhada das frases “Já faz tarde”, destacada em cinza, e “O fim melancólico do ditador que isolou Cuba e hipnotizou a esquerda durante 50 anos” em branco, escrita com fonte menor. Esta é a parte verbal central da capa. Nela, não se faz menção alguma ao nome do ex-presidente de Cuba, que vem no canto inferior esquerdo, como legenda da foto.

Se a primeira frase fosse lida isoladamente por um leitor brasileiro, ela o faria remeter a situações nas quais ele ouviu ou proferiu sentença. Podemos dizer que ela representa uma expressão de poder evocativo, fazendo referência à expressão utilizada por Bally para caracterizar um tipo específico de palavra, como mostra Martins:

A tonalidade de um grande número de palavras se deve a associações provocadas pela sua origem ou pela variedade linguística a que pertencem. São as palavras de poder evocativo, conforme as classificou Bally. São os estrangeirismos, os arcaísmos, os termos dialetais, os neologismos, as expressões de gíria, os quais não só transmitem um significado, mas também nos remetem a uma época, a um lugar, a um meio social ou cultural. (2008, p. 80)

A frase referida não evoca algo temporal, espacial ou culturalmente, mas traz um tom ácido, específico de desprezo pelo objeto ao qual se refere - uma pessoa indesejada que estava presente e foi embora, por exemplo. Na situação que observamos, a sentença está inscrita em um quadro cenográfico em conjunto à fotografia de Fidel Castro. De fato, um leitor que não sabe de sua saída poderia não fazer a relação imediata entre texto e fato. Ele poderia até não reconhecer que se trata de Fidel ou, reconhecendo, cogitar a hipótese de seu falecimento, já que a expressão abre margem para esta leitura. Mas o surgimento de alguma suspeita se confirma ou não no próprio texto, quando, no fragmento posterior, logo abaixo, se lê “ditador que isolou Cuba”. A frase leva o leitor ao seu saber enciclopédico e à busca, nele, de informações compatíveis com o cruzamento das ideias contidas em *ditador* e *Cuba*, confirmadas com a legenda da foto. O texto completa o sentido da imagem, podendo sua polissemia.

Segundo Luiz Costa Pereira Júnior (2006) ao tratar da relação entre texto e fotografia em uma reportagem, a imagem inferior ao texto é redundante. Ela não pretende adicionar além do que foi lido no texto. Já a que vem acima, tem um alto grau de informatividade, sendo dominante na interpretação. O equilíbrio se dá quando texto e imagem são colocados lado a lado. Neste caso, eles se complementam. A questão da hierarquia liga-se à ordem ocidental de leitura de imagens: da esquerda para a direita, de cima para baixo. O resultado vetorial indica uma leitura que se inicia no canto superior esquerdo da revista e termina no canto inferior direito. O olhar, então, no caso da revista *Veja*, passa antes pela fotografia e depois chega à frase. A indefinição da foto gera certo suspense, apoiado na obscuridade predominante no conjunto.

De acordo com a regra ocidental, o primeiro elemento que deveríamos observar durante a leitura, entretanto, é a chamada, no canto superior esquerdo. A frase “Lula surfa nos bons números do capitalismo brasileiro” aparece em cor branca, acompanhada de uma foto colorida do presidente, vestido com uma roupa semelhante à do super-homem. Lula, capitalismo e super-homem, estão praticamente no mesmo plano hermenêutico. Diferente do resto da página, esta pequena parte, se comparada às outras, é dotada de vividez, tendo cores mais vibrantes. A alusão ao super-homem traz à tona os valores positivos desenvolvidos pela personagem no imaginário social, e coloca a moeda, mais precisamente o lucro – já que no lugar do S vê-se o \$ – como símbolo de poder. A imagem aqui seria redundante ao texto, mas tem efeito enfático por adicionar a alusão – além de, em um âmbito maior, adicionar informação, por contraste, à foto seguinte e ao texto a ela relacionado. A partir da capa, determina-se uma visão maniqueísta que retoma a antiga disputa entre capitalismo e comunismo, direcionando à determinação respectiva do bem e do mal.

O segundo elemento na sequência da leitura é a foto de Fidel. O delinear da imagem mostra um objeto presente e ausente ao mesmo tempo, o que podemos interpretar como representativo da situação do “ex-líder”. Contudo, a imagem transmite também suspense em sua obscuridade. Resta ao enunciador escolher a qual destas possibilidades interpretativas será dada maior relevância. Quando o leitor entra em contato com a frase “Já vai tarde”, ele relaciona toda carga semântica negativa do sintagma à imagem, direcionando a leitura para a segunda hipótese. Na frase seguinte “O fim *melancólico* do ditador que isolou Cuba e

*hipnotizou a esquerda durante 50 anos*”, a negatividade é reiterada com o uso do adjetivo melancólico e do verbo hipnotizou, que carrega certo valor de predicação, já que provém originalmente do nome relativo ao verbo. Segundo o *Dicionário Houaiss*, a hipnose, em sentido figurado, remete a um “estado de passividade durante o qual uma pessoa fica entregue ao fascínio que alguém ou alguma coisa exerce sobre ela; magnetismo”, tendo no senso comum valor mesmo de magia. Aquele que hipnotiza tem poder absoluto sobre os que estão em processo de sono, por isso mesmo, de olhos fechados, são incapazes de ver o que ocorre em sua volta e de reger seus próprios passos conscientemente. O verbo hipnotizar constrói o elo entre a figura de Fidel e a noção de autoridade absoluta, despotismo. Talvez não seja demais lembrar que Martins aponta os adjetivos, os substantivos abstratos, verbos e advérbios correspondentes a qualificações maniqueístas como os instrumentos mais eficazes para emitir um julgamento em determinado enunciado, o que nos leva a constatar, já na capa de *Veja*, a marca implícita de seu posicionamento e o direcionamento implícito do caminho de leitura do co-enunciador.

Ainda observando as frases, é possível perceber o centro da abordagem da matéria. O período “O fim melancólico do ditador que isolou Cuba e hipnotizou a esquerda durante 50 anos” estabelece como tópico o sintagma nominal “o fim melancólico do ditador”. Azeredo (2008) apresenta o conceito de tópico atrelado à frase declarativa; ele é “o ponto de partida da frase declarativa, a unidade de informação sobre a qual se faz a declaração” (p. 94). Apesar de não se tratar de uma declaração, no período supramencionado o sintagma nominal ocupa o “lugar tópico”, o início do período, constituindo o ponto de partida em torno do qual será feita a abordagem. Além disso, merecem destaque a escolha do termo ditador para integrar o sintagma tópico, e o fato de seu perfil ser delimitado pelas orações adjetivas restritivas “que isolou Cuba e hipnotizou a esquerda durante 50 anos”. Estas orações “são aquelas que delimitam a parte de um conjunto, restringindo a essa parte a referência do sintagma nominal antecedente” (Azeredo, 2008, p. 320), cujo conteúdo é essencial para o entendimento do que se diz. No caso, este fragmento diferencia Fidel dos outros ditadores, evocando em primeiro lugar a história de Cuba, e, em seguida, já com a alusão histórica concretizada, coloca como elemento distintivo sua influência negativa sobre a esquerda, com a qual está vinculado.

Os elementos observados mostram que a capa aponta como eixo da abordagem uma leitura do acontecimento como o fim de todo um regime ditatorial e de tudo o que Fidel representa de acordo com o veículo, cuja posição é reiterada pela escolha da palavra ditador. Ao aparecer como agente de todas as ações aqui mencionadas e figurar como centro de leitura na capa a partir da fotografia, o “ditador que isolou Cuba” é instituído como personagem central do acontecimento.

### Carta Capital

Vamos à *Carta Capital*. A única imagem presente é a de Fidel, que ocupa uma porção menor da capa se comparamos com a anterior. A chamada para outra reportagem (“Petrobras Furtada: Faltam informações, sobram especulações.”) tradicionalmente aparece sem fotografia correspondente, e, nesta edição, praticamente não se destaca por estar em cores cinza e branco. A fotografia do ex-chefe de estado cubano é acompanhada pela frase “Cuba sem Fidel”, cuja fonte alterna entre as cores branco e vermelho. Estas cores, tendo como sequência a frase seguinte em azul, evocam conjuntamente a bandeira cubana. A frase com a qual nos deparamos inicialmente mostra o termo Cuba ocupando o lugar tópico. Como vimos, isto prenuncia o eixo da abordagem. Em *Carta*, o tópico é o país, é em torno de questões a ele relacionadas que se desenvolverá o trabalho jornalístico. Este trabalho deve abranger o fato novo, ou seja, a saída de Fidel. Este fato novo podemos relacionar ao que Azeredo define como foco, em contraposição ao tópico. “O foco é a informação acrescentada, a novidade do enunciado” (2008, p. 94). A presença destacada do nome de Fidel no que podemos chamar de posição focal, deixa claro sobre o que se trata a imagem e delimita imediatamente o assunto, afastando qualquer suspense.

Outra vez, a foto antecede os textos, não sendo apenas redundante. O olhar também passa primeiro pela foto e depois chega ao texto. Ao observarmos a capa da revista *Veja*, percebemos que as frases direcionam o leitor para interpretá-la como representativa da ausência do ex-presidente, e julgam este fato positivamente. Entretanto, em *Carta*, não há indício de julgamento. A revista apresenta o acontecimento sem fazer uso de adjetivações ou verbos que explicitem o posicionamento do veículo quanto ao que será exposto. A segunda

frase enumera as “Análises de Jon Lee Anderson, Tariq Ali, Emir Sader, José Jobson Arruda e Antonio Luiz M. C. da Costa”. Este modo de apresentá-las busca distanciar ao máximo o sujeito enunciativo da mensagem que será transmitida, pois deixa explícito que parte do que será dito terá como responsáveis as vozes de outros que respondem por isso. Cada analista configura um discurso direto, que, como vimos, é um dos recursos para o desenvolvimento de um discurso imparcial.

Além destes aspectos, é válido ressaltar a escolha pelo uso da palavra *análises*. Ela marca a presença da voz científica, estando relacionada no imaginário a processos e metodologia. Neste veículo, portanto, encontramos o *ethos* habitual do jornalismo, pelo fato de a revista mostrar-se ao leitor vestindo a máscara da imparcialidade.

## ISTOÉ

A capa de *ISTOÉ*, por sua vez, não destaca o assunto. A figura maior é a do corpo de uma mulher. A manchete é “A verdade sobre a lipo”. A chamada para a reportagem sobre a saída de Fidel está situada no canto superior direito. Como nas chamadas ao lado desta, destaca-se o tema com a cor amarela: “Fidel Castro”. Abaixo, “A despedida do *mito* e o futuro da ilha” em cor branca, tal como as chamadas vizinhas. Ambas as frases estão em paralelo à fotografia da personagem, o que, segundo Júnior (2006), como vimos, confere ao texto e à figura o mesmo valor, sendo estes complementares entre si. Observando as frases propriamente ditas, vemos que o veículo se utiliza do vocábulo *mito* para se referir ao ex-líder. Assim é adotada, até mesmo corroborada, a visão de Fidel descrita a que nos referimos quando falamos da história de Cuba, a visão que o vê como o centro dos acontecimentos da ilha, e símbolo tanto dos sonhos comunistas como de sua derrocada frente ao capitalismo. A simetria sintática estabelecida pela presença de duas estruturas idênticas ligadas pela conjunção aditiva “e” (A despedida do *mito* + o futuro da ilha) estabelece relação de equivalência de valores entre os dois polos paralelos.

Além disso, o posicionamento da imagem, quando consideramos toda a capa, é o ponto inicial do olhar sobre a revista. Ainda que não configure nosso escopo e se trate de

objeto de outro artigo, é possível observar a escolha como prenúncio do que se percebe ao fim da leitura da reportagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando lemos as matérias, percebemos que a capa de *Veja* anuncia uma reportagem que mantém o maniqueísmo entre os sistemas econômicos, capitalismo-comunismo, que mantém o centro em Fidel, visto sempre como metonímia do comunismo, ditador integralmente responsável por todos os problemas de Cuba. A fotografia utilizada, vai, inclusive, reaparecer nas duas primeiras páginas das 12 a que a matéria se dedica. Assim, ela traz todo clima então estabelecido pelo entrecruzamento das narrativas visual e verbal. Acrescentam-se as frases “Um País de muito passado agora tem algum futuro” e “O ditador entrega o comando direto do país ao irmão, e abre caminho para mudanças, mas fica como um fantasma assombrando o povo e preservando sua tenebrosa herança”. O tamanho da matéria é quase o mesmo de *Carta Capital*, que dedicará 11 páginas. Nela, o leitor se depara com pouco uso de imagens em comparação com a *Veja*, que tem ao todo mais de quatro páginas de fotografia. Há também, na *Carta*, uma entrevista em discurso direto recontextualizante de um escritor cubano, e toda reportagem é marcada pela tentativa de manter uma abordagem científica, centrada em pensar o país. A *ISTOÉ*, por sua vez, dedica 6 páginas. Há para esta matéria o mesmo número de páginas dedicadas à lipoaspiração. O leitor vai perceber que o veículo se assemelha à *Veja*, ao enfatizar também Fidel na posição de agente, mas afasta-se na ênfase que esta dá aos julgamentos. Neste quadro, *ISTOÉ* apresenta-se, portanto, de certa forma, intermediária à posição marcada da *Veja* e à imparcialidade mais trabalhada de *Carta Capital*. Mesmo sem apresentar artigos ou entrevistas integrais de especialistas, ela utiliza discursos diretos recontextualizados, como os de Fidel e de Frei Betto.

Trata-se, portanto, do anúncio de três olhares distintos sobre a história que disputaram espaço no imaginário dos leitores. Como podemos observar, cada enunciado já indica que as reportagens irão apresentar o mesmo fato de várias formas em seus desenvolvimentos. Ainda que sejam muito parecidas, as capas enfatizam aspectos bem distintos, que ajudam a contar

cada um uma história diferente, a partir de ideias concorrentes à posição de verdade. Deste modo, elas também irão ajudar à criação de memórias sociais e à recriação dessas memórias nos sujeitos em decorrência de cada novo acontecimento.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Pós-1930*. Volume 1. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ANCONI, Eliane. Antecedentes históricos de uma revolução anunciada. In: COGGIOLA, Osvaldo. (Org). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã.

BAKHTIN, Mikhail. *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

*Carta Capital*. São Paulo. Editora Confiança LTDA. Nº484, 27 fev. 2008.

HOROWITZ, David. Aliança para o Progresso. In: PEREIRA, Luiz. (Org). *Perspectivas do capitalismo moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

*ISTOÉ Independente*. São Paulo. Editora Três. Nº1999, 27 fev. 2008.

JÚNIOR, Luiz Costa Pereira. *Guia para a edição jornalística*. Coleção fazer jornalístico. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

JÚNIOR, Odir Alonso. O processo revolucionário: 1953/1959. In: COGGIOLA, Osvaldo. (Org). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998.

MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise dos textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2008.

O'DONNELL, Guillermo. *O Estado Autoritário e Movimentos Populares*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

STAM, Robert. Mikhail Bakhtin e a crítica cultural de esquerda. In KAPLAN, Elizabeth Ann. (Org.). *O Mal-estar no Pós-Modernismo – Teorias, Práticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

THOPMSON, John Brookshire. *A mídia e modernidade – uma teoria social da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

*A renúncia de Fidel nas capas de revistas:  
Veja, Carta Capital e ISTOÉ*

*Veja*. São Paulo: Ed. Abril. Nº.2049, 27 fev. 2008.

Recebido em: 27/08/2024

Aceito em: 25/02/2025

**Naiara Martins Barrozo:** doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (PPGL - UERJ/ CNPq), mestre em Filosofia (PFI- UFF/ Capes), com ênfase em Estética e Filosofia da Arte. Tem bacharelado em Filosofia (UFF/ FAPERJ) e em Letras (UERJ). É autora de "José Saramago leitor de Montaigne: a presença dos Ensaios nos Cadernos de Lanzarote" (7Letras, 2023), semifinalista do Jabuti Acadêmico 2024 de Filosofia. Atualmente desenvolve estágio de pós-doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada no PPGL-UERJ, cuja pesquisa profunda a investigação sobre o vínculo entre romance e ensaio.